

O Juvenil Encanto dos Mortos. Notas sociológicas sobre a novela *Mortos ou Coisa Melhor* de Violeta Hernando

João Teixeira Lopes

*“O mundo obscuro de jovens obscuros. O mundo de nunca mais”
“Tem tudo um ar muito frio/e espero morrer antes de velho/É esta, baby, a minha geração”*

1. Ao utilizarmos uma qualquer tipologia ou rótulo, corremos o risco de anularmos a complexidade do objecto. Ainda assim, arrisco-me a classificar a novela da jovem espanhola Violeta Hernando como sendo *pós-moderna*. Não entrarei aqui em debates sobre a estrita exactidão deste epíteto. Lembrarei, todavia, o carácter minimal e fragmentário da narrativa, e a aparente ausência de um fio condutor que, a existir, nutre-se de uma única ideia forte: a volúpia da perda de sentido.

De facto, os personagens, todos eles muito jovens, alimentam-se permanentemente do vazio e navegam na metáfora envolvente da obscuridade: Fragmentários, apresentam todas as características dos personagens-tipo: poucas flutuações, fraca individualização e densidade psicológica, meros suportes, enfim, de uma simbologia que a todo o momento os remete para a ausência de valores e de motivações. Fácil se torna, por isso, fazer apressadas inferências para toda uma geração, tida como irremediavelmente perdida.

O tema, convenhamos, não é novo. Pelo menos desde o Maio de 68 que algum poder instituído trata os jovens como os mais fervorosos adeptos do nihilismo. A novidade é ser uma “garota” de treze anos a afirmá-lo.

2. Voltemos à classificação inicial. O essencial do processo de construção da narrativa remete-nos para uma característica fundamental da

estética auto e hetero proclamada de pós-moderna: a colagem de fragmentos e a intertextualidade.

De facto, o texto alimenta-se de memórias várias, em geral letras de significativas canções do *pop-rock*, em que a colagem criativa de fragmentos abre porta a novos textos que, no entanto, mantêm uma forte linha de continuidade com os anteriores, reforçando um certo efeito de circularidade asfixiante.

Não se pense, todavia, que *Mortos ou Coisa Melhor* é desprovido de originalidade. No entanto, ela resulta muito mais da actualização poética, ágil e criativa de velhas perguntas (produzidas, aliás, para não terem resposta) do que de uma proposta radicalmente alternativa da condição juvenil contemporânea. Trata-se, antes de mais, da reapropriação de um imaginário que, apesar da sua lenta agonia, iniciada pelo menos a partir dos anos sessenta, parece persistente ao ponto de gerar novelas como esta.

3. A jovem autora (treze anos na altura da primeira publicação!) declarou, em arremesso definitivo, uma incontornável sentença sobre as saídas que se colocam aos jovens: droga, suicídio ou submissão. Ela, a autora, trilha outros caminhos: quer ser cantora de rock.

A escolha de Violeta é clara e pretende subverter a negra tríade de opções anteriormente referida. Nessa opção reside simultaneamente uma acusação, ainda que implícita, e um desejo, igualmente latente.

Começemos pela acusação. *Mortos ou Coisa Melhor* pretende afirmar-se como o manifesto de toda uma geração: já não a geração desencantada, mas a geração que cresceu a desaprender o sonho. Desta forma, vislumbra-se um dedo acusador aos “adultos” e ao seu “mundo”, demiurgos de um universo que exclui os jovens e os submete a uma cruel alienação. De certa forma, *Mortos ou Coisa Melhor* é um texto análogo ao papel que desempenhou, no século passado, o *Manifesto do Partido Comunista*. Só que agora, na versão pós-moderna, a bipolaridade da luta de classes transforma-se num conflito entre adultos/dominantes e jovens/dominados. Estes, na perspectiva de Violeta, são as eternas vítimas: “Tão novos, com quinze e dezoito anos, esses jovens infelizes procuravam fugir ao mundo turbulento em que viviam” (p.99); “É muito duro ser-se jovem hoje em dia” (p. 88); etc.

Contudo, as explicações para tal situação escasseiam (“Para nada há explicação neste mundo de doidos”; “Nada mudara. Tudo continuava igualzinho: um tempo agonizante, triste e amargo que arrastava os seres mais débeis para a penumbra”- p. 108). Não é esse, aliás o objectivo da novela: pretende-se fundamentalmente transmitir estados de espírito difusos, efémeros e flutuantes, em tudo semelhantes às identidades dos

jovens retratados, para quem as âncoras identitárias se resumem a uma mão-cheia de ídolos mortos: “...dentro do carro íamos cantando e dançando para afogar de vez as nossas dores” (p.22); “vou deixar correr a minha mente tonta. Vou deixar que o destino siga o seu rumo” (p. 26).

As identidades destes jovens caracterizam-se, por isso, por uma aceitação acrítica de *outros* significativos, não procurando alternativas e encontrando-se numa situação em que os seus valores e quadros de referência são como que outorgados pelos ídolos defuntos do *pop-rock*: Jimi Hendrix, Jim Morison, Kurt Cobain e outros. Neste sentido, quanto maior a galeria de mortos, mais oportunidades existem de ostentar estas identidades forjadas pela negativa e que, com uma ou outra *nuance* psicológica, assemelham os personagens a meninos perdidos no não-lugar da terra do *Nunca Mais*.

4. Falemos agora do desejo de Violeta. Tacitamente, a autora pretende ser a porta-voz de uma certa representação da geração juvenil actual. Essa geração, supostamente silenciosa e silenciada, falhou definitivamente a sua transição para a vida adulta. A droga, o sexo e a música surgem como epifenómenos de uma desilusão mais profunda e de um vazio ético-moral incontornável.

Todos esses juízos são emotivamente assumidos pela autora, na construção ficcional da “sua” geração, como se exprimisse, de alguma forma, o seu *máximo de consciência possível*. Com as suas palavras (que bebem e jogam com as letras das canções do *pop-rock*), Violeta traduz, a seu modo, algumas das características fundamentais da condição juvenil actual: a precariedade, a ausência de estatutos claramente definidos e de carácter reversível, a incerteza quanto ao futuro¹. Em sociedades que desvalorizam a ideia de projecto em favor de uma vivência efémera, experimental e imediata do presente, encontram-se os ingredientes suficientes para a afirmação de uma matriz cultural do existencial, do hedonismo e do individualismo. No entanto, os sistemas de valores aparecem como constelações compósitas² e as trajectórias juvenis continuam a definir-se de acordo com o sexo, a pertença social, a idade, a etnia e mesmo o *habitat* residencial³. Além do mais, a gestão desse “eterno presente” em que os jovens parecem viver, orienta-se também por tendências felizmente distintas das imaginadas por Violeta Hernando. Os quotidianos juvenis são igualmente palco de difusos, subtis mas criativos e poderosos processos de estetização e encantamento, ligados às estratégias de consumo, diversão e apresentação de si. Através desses processos, ritmos e rituais, reflectem-se e criam-se símbolos que mais não são do que as narrativas que os jovens contam a respeito de si mesmos. E a essas narrativas Violeta não acedeu.

5. Eis-nos chegados ao ponto fulcral destas observações. Violeta consegue exprimir, com particular desenvoltura, algumas das características da condição juvenil contemporânea. Mas ao fazê-lo, ignora a sua diversidade e complexidade.

Violeta tem treze anos. E com treze anos, por mais intensa que seja a precocidade, ainda não se experimentou o delírio das drogas, as venturas e desventuras do amor e do sexo, a voragem insaciável do abismo e do vazio. Mais do que ficcional, mais ainda do que construída, a novela de violeta é virtual e alimenta-se de uma galeria de mortos ilustres.

Não se pretenda, por isso, ver nela o que não existe. *Mortos ou Coisa Melhor* não é um retrato dos novos jovens urbanos, como amiúde se tem sugerido.

E aqui surge um curioso paradoxo: estou certo de que a novela de Violeta confirmará muito mais o *horizonte de expectativa*⁴ daqueles outros, mais velhos, que perderam a crença nas ideias de projecto, de progresso e de utopia e que pretendem ver nos jovens actuais o seu fiel espelho. Para esses, textos como *Mortos ou Coisa Melhor* servem de paliativo e de confirmação da sua trajectória de vida. Mas, ao contrário das fábulas, os espelhos mentem muitas vezes.

Notas

- 1 Vd. a este respeito José Machado Pais, *Culturas Juvenis*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1994 e ainda João Teixeira Lopes e José Madureira Pinto, *Os Dias da Escola*, Porto, Câmara Municipal, no prelo.
- 2 De facto, cruzam-se várias orientações na constituição dos mapas cognitivos juvenis, sendo que, porventura a mais importante, salienta o modelo do quotidiano sócio-centrado, em que a procura de uma vivência quotidianamente intensa se conjuga com práticas solidárias, provavelmente no quadro de lógicas intragrupoais. O próprio individualismo aparece cruzado com a valorização da participação social informal, sendo, por isso, de cariz relacional - vd., por exemplo, A. Firmino da Costa, Fernando Luís Machado e J. Ferreira de Almeida, "Estudantes e amigos - trajectórias de classe e redes de sociabilidade" in *Análise Social*, nº 105-106, 1990, pp. 193-221, ou ainda Paulo Antunes Ferreira, *Valores dos Jovens Portugueses*, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais/Instituto da Juventude, 1993.
- 3 Encontram-se ilustrações muito precisas destas variações na esfera que se julgava pertencer ao território da livre escolha: o lazer - Vd. José Machado Pais, *Juventude Portuguesa. Situações. Problemas Aspirações*. V- Uso do Tempo e Espaços de Lazer, Lisboa, Instituto da Juventude/Instituto de Ciências Sociais, sem data.
- 4 Conceito proposto por Hans Robert Jauss e definido como "sistema de referências objectivamente formulável" in *Pour une Esthétique de la Réception*, Paris, Gallimard, 1978, p. 49.